

O número de pérolas a serem garimpadas nesta edição do Festival do Rio é grande. Mesmo! Para ajudar no garimpo, o Correio da Manhã elenca aqui seu rol de apostas imperdíveis.



Todas as Estradas de Terra Têm Gosto de Sal

Títulos garimpados para você



Correio filtra 14 ótimos filmes no extenso cardápio do festival

TESOURO (“Treasure”), de **Julia von Heinz** (Alemanha/EUA): Eleito “o filme fofo” da última Berlinale, esta dramédia põe a atriz e roteirista de “Girls”, Lena Dunham, ao lado de um mito queer da cultura pop: Stephen Fry. Eles vivem filha e pai num road movie que se passa em 1991, data na qual a jornalista Ruth (Lena) leva seu pai, o imigrante judeu polonês Edek (Fry, sublime em cena), a um passeio por sua terra natal. Mas ela vai incluir campos de concentração no pacote, o que leva Edek, a lembrar da dor vivida por seu povo na mão dos nazistas. O tema é bem áspero. O longa, não.

TODAS AS ESTRADAS DE TERRA TÊM GOSTO DE SAL (“All Dirt Roads Taste of Salt”), de **Raven Jackson** (EUA): Um austero estudo sobre a vida de duas mulheres, numa relação de maternidade, numa comunidade rural do Mississippi. Sua diretora é uma poeta, conhecida no universo literário pelo livro “little violences” e respeitada no cinema pelo curta-metragem “Nettles” (2018). Sua narrativa é metonímica, concentrando cada enquadramento em detalhes do que vê, vindo e voltando no tempo. O destaque de seu elenco é a atriz e cantora anglo-ugandense Sheila Atim, sobretudo na comovente sequência na qual segura uma menina no colo, num gesto maternal de acalanto brando, onde implode em angústias existenciais.

MALÊS, de **Antonio Pitanga** (Brasil): Quase 45 anos depois de seu primeiro exercício como realizador (“Na Boca do Mundo”), um dos atores essenciais do Cinema Novo volta à direção filmando um enredo de Manuela Dias, que recria a Bahia do século XIX, em meados de 1830. Na ocasião, uma rebelião começou a ser arquitetada por africanos muçulmanos, chamados de malês. A revolta se passa no final do Ramadã, mês do calendário islâmico em que o jejum é uma forma de celebrar Alá. Após o fracasso da revolta, os manifestantes foram duramente punidos e a repressão contra as populações pretas no Brasil aumentou.

CANINA (“Nightbitch”), de **Marielle Heller** (EUA): Mais um convite ao Oscar para Amy Adams, de volta às telas numa



Malês

Divulgação

atuação feroz. Ela interrompe uma jovem que abandona sua carreira para ser uma mãe totalmente dedicada ao lar, mas logo sua nova vida doméstica toma um rumo surreal, nas raias da alucinação.

AMARELA, de **André Hayato Saito** (Brasil): Eis o curta que representou o Brasil na competição de Cannes. Sua trama se passa em São Paulo, em julho de 1998, no dia da final da Copa do Mundo contra a França. Naquele domingo, Erika Oguihara (a atriz Melissa Uehara), uma adolescente nipo-brasileira que rejeita as tradições de sua família japonesa, está ansiosa para comemorar um título mundial pelo seu país. Em meio a tensão que progride durante a partida, Erika sofre com uma violência que parece invisível e adentra em um mar doloroso de sentimentos